REVISTA DIÁLOGOS MEDITERRÂNICOS

ISSN: 2237-6585

INTERTEXTUALIDADE NA ESCRITA DE JERÔNIMO DE ESTRIDÃO: CRISTIANISMO E TRADIÇÃO CLÁSSICA.

INTERTEXTUALITY IN THE WRITING OF JEROME OF STRIDON: CHRISTIANITY AND CLASSICAL TRADITION.

Andréia Rosin Caprino Taborda
Núcleo de Estudos Mediterrânicos (NEMED/UFPR)

RESUMO

Jerônimo de Estridão (347-419) foi um dos maiores eruditos do seu tempo, conforme depreende-se da extensa obra literária legada sobretudo ao Ocidente. A partir dos seus escritos de caráter exegético, histórico, epistolar, biográfico, entre outros, é possível observar diferentes tipologias intertextuais. O elemento cristão é a principal característica que permeia o seu trabalho, pois além da formação que recebeu dos seus pais na província romana da Dalmácia, desde jovem adentrou à comunidade cristã a partir do batismo, do convívio com seguidores dessa religião e dos estudos sistemáticos das *Escrituras*. Entretanto, a presença da tradição clássica é outro aspecto pertencente à obra jeronimiana, evidenciada, por exemplo, pelas citações recorrentes de autores gregos e latinos. Assim, apresentaremos ideias relacionadas ao exposto, partindo de alguns excertos de Jerônimo, e recorrendo a estudiosos que abordam a faceta clássica desse intelectual. Além disso, assumiremos dois pressupostos a respeito da intertextualidade: o conceito de comunidade textual, apontado por Tania Franco Carvalhal e a ideia de todo texto ser um intertexto, explicada por José Luiz Fiorin. Pretendemos, de tal maneira, refletir sobre a integralidade da formação intelectual e religiosa do estridonense, demonstrando, também, a complexidade do período em que viveu.

PALAVRAS-CHAVE: JERÔNIMO DE ESTRIDÃO; INTERTEXTUALIDADE; CRISTIANISMO; TRADIÇÃO CLÁSSICA.

ABSTRACT

Jerome of Stridon (347-419) was one of the greatest scholars of his time, as can be seen from the extensive literary work he bequeathed to the West in particular. From his writings of an exegetical, historical, epistolary and biographical nature, among others, it is possible to observe different intertextual typologies. The Christian element is the main characteristic that permeates his work, because in addition to the education he received from his parents in the Roman province of Dalmatia, from a young age he joined the Christian community through baptism, socializing with followers of this religion and systematic studies of the Scriptures. However, the presence of the classical tradition is another aspect of Jerome's work, evidenced, for example, by the recurrent quotations from Greek and Latin authors. Thus, we will present ideas related to the above, starting from some excerpts from Jerome, and drawing on scholars who approach the classical side of this

intellectual. In addition, we will make two assumptions about intertextuality: the concept of textual community, pointed out by Tania Franco Carvalhal, and the idea that every text is an intertext, explained by José Luiz Fiorin. In this way, we intend to reflect on the completeness of Stridon's intellectual and religious formation, while also demonstrating the complexity of the period in which he lived.

KEYWORDS: JEROME OF STRIDON; INTERTEXTUALITY; CHRISTIANITY; CLASSICAL TRADITION.

Jerônimo de Estridão, logo no início da sua obra polêmica *Contra Rufino*, assim cita Cícero:

> Por mim, que sempre considerei todas as amizades a serem mantidas em altíssima religião e fé, eu as tive sobretudo para que fossem reconduzidas para as boas relações; é por essa razão que o dever negligenciado às amizades legítimas é defendido por escusa de falta de conhecimento ou – como interpretamos mais gravemente – falta de cuidado; depois de um retorno à amizade, se algo é cometido, não é interpretado como uma negligência, mas como uma violação; não costuma ser atribuído à falta de conhecimento, mas à traição[1].

O excerto evidenciado por Jerônimo provém dos comentários ciceronianos sobre os processos em defesa de Aulo Gabínio (falecido em 47 a.C.), importante político romano que viveu no período anterior à guerra civil protagonizada por César e Pompeu. Essa fala de tom dramático do político e orador romano Cícero empregada por Jerônimo abre o caminho de uma longa reflexão para que ele exponha o desprezo pelo seu ex-amigo, Rufino, bem como pelas acusações que recebeu do mesmo após ter traduzido um importante escrito de Orígenes de Alexandria, nomeado como *Perì Archôn* (*Sobre os princípios*).

Jerônimo nasceu em 347 e faleceu em 419 d.C. Foi um dos maiores eruditos cristãos da sua época, o qual produziu muitas e diversas obras: epístolas, tratados apologéticos, polêmicas, escritos históricos, biografia e traduções, com destaque para a tradução do *Antigo* e *Novo Testamento* das línguas originais para o latim. Viveu várias décadas atuando como monge, ideal do qual começou a se aproximar nos anos 360. Antes disso, estudou em Roma quando ainda era jovem, e teve vários colegas dos quais sempre se lembraria, com destaque para Rufino. Por ele criou grande amizade e carinho, até o rompimento que tiveram no contexto de *Contra Rufino* muitos anos mais tarde.

[1] JERÔNIMO. *Apologia contra os livros de Rufino*. São Paulo: Paulus, 2013, p. 29.

A polêmica *Contra Rufino*, publicada por volta do ano 402 d.C., está inserida num ambiente de disputas religiosas e confronto entre heresia e ortodoxia, no qual a chamada heresia origenista assumia proporção. Orígenes foi um importante cristão alexandrino que viveu no século terceiro (nasceu no século segundo; 185-253), considerado por alguns como o mais eminente erudito de seu tempo, o qual legou à posteridade princípios hermenêuticos e exegéticos sobre as *Escrituras Sagradas*, bem como serviu de base para as subsequentes traduções da *Bíblia*, devido à elaboração da *Hexapla.* Tal obra, que se caracteriza pela compilação de seis versões distintas do *Antigo Testamento* nas línguas hebraica e grega dispostas em colunas paralelas, tornou-se muito relevante entre os estudiosos bíblicos que sucederam o intelectual alexandrino, servindo de base para abordagens exegéticas, tradutórias, além da criação de escritos visualmente práticos.

Contudo, várias ideias de Orígenes foram debatidas quando institucionalmente iniciou-se a busca pela formação da ortodoxia nicena ou católica. Assim, o autor alexandrino foi bastante questionado, por apresentar interpretações bíblicas não aceitáveis no contexto do século quarto e quinto - como a subordinação do Filho (Jesus Cristo) e do Espírito Santo ao Deus Pai, a queda das almas e a redenção do Diabo.

No final dos anos 370, Jerônimo iniciou as leituras de Orígenes influenciado por Gregório de Nazianzeno quando estava em Constantinopla, chegando a ficar encantado com a maestria do seu predecessor. Ele traduziu escritos seus ao latim, o que o levou a traduzir também Eusébio de Cesareia, e absorveu recursos estilísticos e metodológicos para compor a tradução das *Escrituras* ao latim – trabalho que durou décadas. Todavia, Jerônimo não concordava com as ideias de Orígenes, conforme depreendemos da passagem a seguir, que consta na obra *Contra Rufino*:

[…] eu me contentei de ter-me defendido unicamente a mim mesmo, e eu espremi simplesmente aquilo que continha o texto grego do Perì Archôn, não para levar o leitor a crer na versão que eu apresentava, mas para que não cresse na tradução que havias anteriormente dado. Foi dupla a utilidade da minha obra, tanto enquanto um autor herético é denunciado, quanto ela acusa um tradutor não verdadeiro. E para que ninguém pense que eu concorde com aquilo que eu traduziria, eu defendi a necessidade da minha tradução com um prefácio e instruí o leitor sobre aquilo em que ele não devia crer[2].

[2] Ibid, p. 36.

A obra é o resultado de respostas que Jerônimo dirige a Rufino, defendendo-se das acusações da concordância com o entendimento teológico de Orígenes. Característica comum nos escritos polêmicos jeronimianos, o autor acusa e invalida as argumentações de Rufino, com base em determinadas estratégias. Luís Carpinetti afirma o uso de dois recursos linguísticos e literários por parte do polemista: o retrato do adversário e a busca da autoridade dos clássicos[3]. É esse segundo aspecto que destaco aqui: a referenciação aos clássicos, elemento presente ao longo da trajetória autoral de Jerônimo, por aproximadamente 50 anos. Vinculado a isso, enfatizo que, junto ao contexto turbulento em termos políticos e religiosos do século quarto e início do quinto, o 'contexto textual' assume uma proporção saliente.

A polêmica é dividida em três livros, como seguimento às publicações da tradução de Orígenes feita por Rufino e depois a tradução feita por Jerônimo (da obra *Sobre os princípios* – do grego ao latim). Em *Contra Rufino*, há cerca de 60 menções a escritores gregos ou latinos, incluindo Cícero, Virgílio, Horácio, Salústio, Lucrécio, Quintiliano, Plínio, Terêncio, Plauto, Platão, Pérsio e Homero. Há, portanto, a preponderância dos autores latinos, especialmente de Cícero, que compõe aproximadamente 36% do total das referências (22 referências entre as 60). Tal prevalência ciceroniana nessa apologia não é aleatória. Nas discussões sobre metodologias de tradução, o mestre romano é constantemente buscado por Jerônimo para embasar as suas colocações e advogar a favor da sua forma de tradução. Além disso, Cícero é a referência por excelência no trabalho de Jerônimo, ultrapassando *Contra Rufino*. A constatação se deve ao fato de Jerônimo embasar-se em Cícero para os seus escritos de caráter argumentativo e para as traduções que realizou (que constituem grande parte da sua tarefa escrita). Nunes afirma que "São Jerônimo abeberou-se dos clássicos, especialmente nas obras de Cícero, e escreveu em latim como um dos grandes mestres do estilo[4].

Para vários pesquisadores, o estilo linguístico e literário de Jerônimo se destaca dentre os Pais da Igreja: Angelo Penna atesta a latinidade elegante de Jerônimo na recepção que teve entre os humanistas, especialmente em Erasmo, que estudou com

[3] CARPINETTI, Luís Carlos Lima. "O recurso à autoridade dos clássicos e o retrato do adversário como estratégias discursivas na Apologia contra Rufino, de Jerônimo". In: *Clássica*. São Paulo, 2002-2003, v.15/16, n.15/16, p. 203.

[4] NUNES, Ruy Afonso da Costa. *História da Educação na Antiguidade Cristã*. São Paulo: Kírion, 2018, p. 202.

paixão as suas obras, sempre elogiando a sua beleza formal. Taylor o considera como o melhor epistológrafo cristão, devido à elegância da escrita. Tixeront defende que Jerônimo foi quem mais uniu intimamente a forma clássica e o feitio pessoal da expressão e da ideia. Eduardo Norden afirma que Jerônimo é, de longe, o mais erudito de todos os escritores latinos cristãos e o que manteve as relações mais íntimas com os escritores pagãos[5]. O fascínio de Jerônimo pela cultura greco-latina, especialmente por Cícero, atravessa os séculos, chegando a ser identificado pelo humanista Juan Luis Vives como "transmissor da tradição clássica", a qual conhecia sobremaneira e respeitava na qualidade de intelectual[6].

Vives foi um humanista que escreveu várias obras, entre elas a *De institutione feminae christianae*. O texto foi dedicado a Maria Tudor, filha de Catarina de Aragão e Henrique VIII. É considerado um manual de conduta, que pretende educar a mulher cristã no caminho da santidade, pudor e honestidade. Para tanto, Vives se utiliza de fontes greco-romanas, bíblicas e dos Pais da Igreja, notadamente de Jerônimo (sobretudo o *Contra Joviniano*, que trata da superioridade do estado da castidade diante do matrimonial – datada de 393). Das aproximadamente 90 referências que Vives faz à patrologia greco-latina, 56 são de Jerônimo, e, mais especificamente, um pouco menos da metade são da obra *Contra Joviniano*.

Constatamos, dessa maneira, a presença concomitante de duas tradições nas obras de Jerônimo, sendo *Contra Rufino* o nosso exemplo maior aqui: a cristã e a clássica.
Essas breves informações a respeito da presença marcante de Cícero na vida literária de Jerônimo parecem entrar em contradição com o famoso episódio do sonho do estridonense, relatado à sua discípula Eustóquio, no início dos anos 380. Nesse sonho, Jerônimo é levado ao tribunal do supremo juiz (entendido como Jesus Cristo), o qual lhe pergunta se é ciceroniano ou cristão, ao que o réu responde ser cristão. O juiz retruca dizendo-lhe que mentia, então Jerônimo se compromete a nunca mais ler autores antigos, mas apenas a *Bíblia*. Após o suposto sonho (ocorrido ainda nos anos 370), Jerônimo aprofundou-se sobremaneira no estudo das *Escrituras*, buscando aprender e aperfeiçoar

[5] Ibid, p. 203-204.

[6] NARRO SÁNCHEZ, Ángel. San Jerónimo como transmisor de la tradición clásica em el *De institutuine feminae christianae* de Juan Luis Vives. In: *Studia Philologica Valentina*, 2011, vol 13, p. 327-328.

o aprendizado das línguas grega e hebraica, originais da escrita bíblica; porém, não deixou de ler e de se encantar pelos escritos dos autores latinos e gregos.

O teor da carta dirigida à "filha amada" é o ensino de uma vida santa com Deus, através da abstenção de prazeres carnais, como a comida e, principalmente, a relação sexual, e da prática de atitudes piedosas do intelecto cristão, como a leitura e estudo da Palavra e a oração. O testemunho dado por Jerônimo na epístola sobre a abstenção do que ele se viu obrigado a recusar – os clássicos – serviria como exemplo para que Eustóquio abrisse mão do que mais gostava em prol do Reino de Deus. A dicotomia apresentada pelo futuro monge demonstra ecos de Tertuliano, outro importante autor cristão do século segundo, que certa vez afirmou: "O que Jerusalém ter a ver com Atenas? Qual a concordância existe entre a Academia e a Igreja?"[7]. Curiosamente, Jerônimo não estimava Tertuliano, chegando a expor na obra *Contra Helvídio* que "não era homem da Igreja"[8]. Essas são contradições presentes (provavelmente aos nossos olhos) que demonstram a confluência de tradições no período tardo-antigo.

Marrou defende que nenhuma religião escapa à influência do meio da civilização em que nasce. Tal fenômeno pode ser chamado de osmose cultural: "o meio de civilização é como um fluido nutriente que banha os homens e as instituições e que os penetra, mesmo sem seu conhecimento, mesmo à sua revelia"[9]. A adoção das escolas gregas ou latinas pelos cristãos é um claro exemplo dessa osmose: os cristãos dos primeiros séculos viviam no mundo de herança clássica e helenística e acabaram por absorver os elementos dessa tradição.

A educação romana era dividida em três ciclos que englobavam literatura, gramática e retórica. Os intelectuais cristãos dos séculos terceiro e quarto tinham os estudos formados nessa lógica, como Tertuliano, Arnóbio, Cipriano, Lactâncio, Ambrósio e Agostinho. Alguns deles foram também professores de retórica. O influxo dos ensinamentos dos gramáticos e retores é evidente em suas obras, e todos têm em alta estima a instrução que receberam deles, por mais que em algum momento de exaltação cheguem a abominar as letras pagãs e a retórica, como manifestações de um mundo

[7] TERTULLIAN. *Prescription against Heretics* 7, 9. https://www.newadvent.org/fathers/0311.htm Acesso em 14/01/2025.

[8] JERÓNIMO. *Obras Completas*. Vol. VIII. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2009, p. 107.

[9] MARROU, Henri-Irénée. *História da Educação na Antiguidade*. São Paulo: Kírion, 2017, p.512.

idolátrico, indignas dos seguidores de Cristo. Mas talvez nenhum destes autores sentiu com maior força e em forma mais persistente que Jerônimo a fascinação da literatura pagã e os encantos da retórica[10].

Originário da cidade de Estridão, Jerônimo é enviado pelos pais a Roma para aprofundar os seus estudos. Ali ele entra em contato com os grandes nomes da literatura greco-romana através do seu professor, Elio Donato, quem o inspirou a se aprofundar em tais estudos, iniciando pelas cópias de manuscritos de autores latinos, que foram a base da biblioteca pessoal do estridonense. Heredia Correa comenta sobre o papel de Elio Donato na vida de Jerônimo: era chamado por este como *magister meus*, exatamente por ter influenciado o seu discípulo no amor pelos clássicos. Donato havia promovido um projeto de recuperação e revisão dos autores latinos, projeto que contou com a participação de indivíduos da aristocracia senatorial romana – como Quinto Aurélio Símaco - e estudiosos da literatura e das antiguidades – como Macróbio. Tal programa de restauração da tradição literária latina, em tempos que eram já de abandono e esquecimento, nos informa o autor, teve seu lugar na cidade romana e floresceu em torno do círculo de Símaco. Essa escola modelou o estilo de Jerônimo e, em boa medida, formou a sua estrutura mental. "Ao longo da sua vida ele sempre se mostrou apegado às normas que aprendera dos clássicos. As suas referências aos autores antigos, principalmente aos latinos, se encontram em toda a sua obra; há citações, referências e alusões"[11].

Leopoldo Gamberale aponta que Jerônimo vai muito além da prática filológica comum da sua época, não apenas na fase madura quando escrevia as cartas ou os comentários bíblicos, mas ainda quando jovem[12]. Informa-nos, além disso, a influência que o autor cristão recebeu dos seus mestres:

> "É quase supérfluo lembrar que certos aspectos do que hoje chamamos de crítica textual entravam na leitura de textos do *grammaticus*, juntamente com observações linguísticas e antiquárias, e essa atitude também era comum na Antiguidade Tardia: basta lembrar os grandes comentários que foram preservados, o de Sérvio para Virgílio e o que leva o nome de Donato para Terêncio. Esse tipo de sensibilidade textual

[10] Tradução nossa de HEREDIA CORREA, Roberto. San Jerónimo: la educación clásica. In: *Nova Tellus.* 2001, 19-2, p.189.

[11]Ibid, p. 190. Tradução nossa.

[12]Tradução nossa de GAMBERALE, Leopoldo. Pratica filologica e principi di metodo in Gerolamo. In: *Rivista di Filologia e di istruzione classica*. Torino, Loescher Editore, 2007, v. 135, p. 329.

> Jerônimo certamente assimilou de seus mestres, em primeiro lugar de Donato, cujo magistério ele continua a recordar até a composição da Apologia contra Rufino"[13].

Comentei que após o sonho relatado a Eustóquio, Jerônimo passou a estudar com afinco as *Escrituras*. Talvez tenha se afastado momentaneamente do estudo dos clássicos. Mas, anos mais tarde, dava aulas de latim em Belém e analisava textos antigos com os jovens estudantes. Na carta 70 escrita a Magno, afirmou que os cristãos têm o direito de utilizar os autores pagãos. Costa Nunes expõe que São Jerônimo, depois de citar os escritores cristãos mais famosos entre os orientais, realçou-lhes a cultura literária, dizendo: "Todos eles encheram a tal ponto os seus livros de doutrinas e de sentenças de filósofos, que não se sabe o que admirar mais neles, se a erudição profana ou a ciência das Escrituras"[14].

Silvia Canton discute sobre o legado do paganismo e a cultura cristã em Jerônimo e como esses dois elementos convergiram ou divergiram no pensamento do autor após o sonho relatado na carta. A sua conclusão é a seguinte:

Embora após o sonho Jerônimo faça referência aos autores clássicos pagãos latinos e gregos com uma finalidade nova e diversa, não se pode negar, contudo, que ele não encontrou uma relação estável entre os dois polos; porque foi ao mesmo tempo um asceta austero e um cultivador apaixonado pelas letras clássicas que viveu, mais intensamente que outros, a relação entre a cultura tradicional e a formação cristã. Isso porque – exceto no período no qual o Santo é dominado pelo ideal ascético do monasticismo e cessa de incluir nos seus escritos citações clássicas – em toda a sua produção, que se estende por um arco de quase 45 anos (375-419), o repertório de referências e citações da literatura latina e grega da Antiguidade Clássica é impressionante[15].

De acordo com Gamberale, quase contemporaneamente à escrita da carta a Eustóquio, ou pouquíssimo tempo depois, Jerônimo escreve o prefácio à *Crônica* de Eusébio de Cesareia, a qual é traduzida e ampliada por ele. No prefácio, alude

[13]Ibid, p. 329-330.

[14]NUNES, Ruy Afonso da Costa. *História da Educação na Antiguidade Cristã*. São Paulo: Kírion, 2018, p. 202.

[15]CANTON, Silvia. Cultura classica e ascetismo cristiano in San Gerolamo: incontro o scontro? In: *Rivista Sileno*, 2012, v. 38, p. 106.

explicitamente a Cícero, e embora possua algumas reservas estilísticas, afirma seguir o seu exemplo e partilhar dos seus métodos. Gamberale nos lembra que 15 anos depois, Jerônimo escreve a carta 57, epístola-referência do autor cristão sobre tradução. Nela, Cícero é referenciado como o supremo modelo teórico de tradução. Na carta 106 há a abordagem de questões da crítica textual da tradução dos *Salmos*, em que Jerônimo menciona Cícero e extrai dele o princípio da não-literalidade para uma tradução eficaz, que promova a compreensão[16]. Dessa maneira, Jerônimo elabora o seu trabalho de tradução dos 'textos sagrados' utilizando-se da metodologia clássica ciceroniana.

Entendo todos esses entrelaçamentos como características de uma comunidade textual, ideia destacada pela linguista Tania Franco Carvalhal, ao afirmar que:

A crença de que há nos textos literários elementos comuns que identificam sua natureza, sem que isso os uniformize, é que ampara a atuação não só da teoria literária como da literatura comparada quando ambas visam à abstração de conceitos a partir da análise textual, orientando-se para aspectos supra-individuais das obras. Assumem, no caso, como finalidade última, a aproximação global da literatura, na qual cabe dar conta da complexidade de relações interliterárias e de como, por força desses processos, se estabelece a tradição[17].

Carvalhal não está fazendo um trabalho historiográfico, nem faz referência a fontes antigas e tardo-antigas, mas trata de teoria literária. Entretanto, a definição de comunidade textual que a autora oferece é interessante e pertinente para pensarmos a confluência de pensamentos registrados através da escrita de Jerônimo. Notamos elementos "supra-individuais" e "relações interliterárias" na obra jeronimiana, os quais não apenas englobam a literatura judaico-cristã, como também a literatura clássica e helenística, estabelecendo, assim, mais uma tradição.

Em consonância ao exposto, outro argumento da intertextualidade nos escritos de Jerônimo é o princípio de todo texto ser necessariamente intertextual, conforme José Luiz Fiorin. Qualquer texto possui outros textos inseridos nele, "em níveis variáveis, sob

[16]GAMBERALE, Leopoldo. *San Gerolamo, intellettuale e filologo*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 2013, p. X-XII.

[17] CARVALHAL, Tania Franco. Intertextualidade: a migração de um conceito. In: *Via Atlântica*, 2006, n.9, p.125.

formas mais ou menos reconhecíveis"; citando Roland Barthes, Fiorin nos informa que "a intertextualidade é a maneira real de construção do texto"[18].

Há, nesse sentido, uma intertextualidade nas obras de Jerônimo. Desde os seus estudos de formação até a produção literária existem não somente referências diretas aos autores e obras clássicas, mas a sua presença não explícita em tudo o que ele leu, pensou e registrou. O seu estilo de escrita é de caráter clássico, mesmo sem a nomeação autoral antiga. O mesmo pode ser dito sobre a presença dos elementos bíblicos na literatura do erudito: milhares de vezes encontraremos referências às passagens bíblicas – de Paulo, dos Evangelhos, de Isaías e de todos os outros livros e autores 'sagrados'. Em muitos outros momentos, contudo, não há menção explícita, nem implícita; mas as reflexões impressas nas suas obras são marcadamente formadas sobre a crença no cristianismo e nos estudos da *Bíblia*. Conforme Fiorin:

> "Se em Bakhtin há uma distinção entre texto e enunciado e este pode ser aproximado ao que se entende por interdiscurso – já que se constitui nas relações dialógicas, enquanto aquele é a manifestação do enunciado –, a realidade imediata dada ao leitor, pode-se fazer uma diferença entre interdiscursividade e intertextualidade. Aquela é qualquer relação dialógica entre enunciados; esta é um tipo particular de interdiscursividade, aquela em que se encontram num texto duas materialidades textuais distintas. Cabe entender que, por materialidade textual, pode-se entender um texto em sentido estrito ou um conjunto de fatos linguísticos, que configura um estilo, um jargão, uma variante linguística etc."[19].

Sendo assim, após as breves colocações, pontuo o caráter múltiplo da escrita de Jerônimo. Ele não é o único a relacionar diferentes tradições de pensamento no contexto do século quarto e quinto, mas está inserido num ambiente erudito amplo, no qual muitos intelectuais cristãos se formaram com base na cultura greco-latina e estenderam os fundamentos apreendidos às suas obras. Não obstante, o autor cristão se destaca quanto à profundidade e persistência com as quais ele volta aos clássicos, ou melhor, de como os insere constantemente na sua redação. Vários são os desdobramentos interpretativos dessa proposição. Um deles é que Jerônimo acreditava piamente nos escritos bíblicos, conforme notamos em todas as suas obras, especialmente nas epístolas, em que demonstra a sua

[18] FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. In: *Diálogos literário*s. 2006, p.164.

[19]Ibid, p. 191.

devoção pessoal e a preocupação com a devoção dos seus interlocutores. Fazer referências aos antigos, fazer dialogar os autores latinos e gregos com os cristãos não significa que nada havia mudado em termos de religiosidade, mas aponta uma identidade intelectual não restrita unicamente à cosmovisão cristã.

No final da polêmica *Contra Rufino*, quando Jerônimo escreve suas últimas palavras em defesa própria contra as acusações recebidas de Rufino pela tradução que fez, apresenta as seguintes ideias:

> Queres, pois, que eu me cale? Não acuses. Depõe tua espada que deitarei fora meu escudo. Em apenas um ponto não poderei concordar contigo: que poupe a hereges a fim de que eu não mostre minha catolicidade. Se esta é a causa da discórdia, posso morrer, não posso calar-me. Eu deveria ter respondido, com certeza, à tua loucura, com toda a Escritura e com as palavras divinas, tocando cítara, ao modo de Davi, acalmar o frenesi de teu peito; mas contentar-me-ei com poucas citações de um único livro e oporei à tolice a sabedoria, de modo que, se desprezas as coisas humanas, pelo menos não negligencies as coisas divinas. Ouve, pois, o que diz Salomão de ti e de todos os malevolentes, maledicentes e insultadores: 'Os insensatos, quando estão ávidos de injustiça, tornaram-se ímpios e odiaram a inteligência'. 'Não trames maldades contra teu amigo e não alimentes hostilidade contra alguém sem motivo'. 'Os ímpios salientam o opróbrio'. Rompe com a boca má e repele para longe de ti os lábios iníquos'. 'O olho do insultador, a língua do injusto, as mãos que derramam o sangue do justo, o coração que trama maus desígnios e os pés que se apressam a fazer o mal'. Quem se apoia em mentiras, apascenta ventos e segue pássaros que voam, porque abandonou, na verdade, os caminhos da sua vinha e deixou perderem-se os eixos de sua cultura. Ele percorre um lugar árido e deserto e recolhe com as suas mãos a esterilidade. 'A boca do insolente se aproxima da ruína', e 'aquele que profere insultos é o pior dos tolos'[20].

Nesse trecho, em que constam 7 passagens dos Provérbios, o polemista segue ainda a sua defesa fazendo referência a nada menos que outros 36 Provérbios para coroar as exposições elaboradas contra o seu adversário. Por fim, expõe: "o justo se rejubilará quando ele tiver visto sua vingança dos ímpios, ele lavará suas mãos no sangue do pecador. E dirá o homem: 'Se há um fruto para o justo, verdadeiramente é que há um Deus que julga os homens sobre a terra'"[21]. O trecho é extraído dos *Salmos* (58, 10, 11), e Jerônimo explicitamente o utiliza como recurso retórico para afirmar a sua posição como a correta e justificada por Deus em contraposição aos erros de Rufino, que seriam

[20]JERÔNIMO. *Apologia contra os livros de Rufino*. São Paulo: Paulus, 2013, p. 201-202.

[21]Ibid, p. 204-205.

julgados pelo Senhor. Após a ênfase dada à sua opinião fundamentando-se nas *Escrituras Sagrada*s, não é com elas, porém, que Jerônimo finaliza a sua escrita endereçada a Rufino. Cícero é rememorado e serve ao autor com uma frase das suas *Filípicas* (5, 1, 3) - "No fim da tua carta, tu escreves com tua mão: 'Desejo que tu ames a paz'. Ao que responderei brevemente (afirma Cícero): 'Se desejas a paz, depõe as armas'"[22].

[22]Ibid, p. 205.